

Acting out: como tirar proveito dele?

Lacan nos diz no seminário *As formações do inconsciente*, coisas muito interessantes a respeito do acting out, entre elas, que “ele é uma mensagem... sempre dirigido ao analista na medida que ele não está muito mal situado, mas também não está inteiramente no seu lugar” (Seminário V, página 433). O acting out, nos diz Lacan, é uma tentativa de resolver um problema que se processa na relação da demanda com desejo e que porta um elemento altamente significante, e que caso esse ato se processe dentro da análise, pode-se apreender dele toda inadequação do sujeito com a demanda e permitir que ele “tenha acesso à realidade efetiva do efeito que o significante tem nele” (Seminário V, página 434).

Passo a relatar então um caso de minha clínica, em que se processou um acting out e os proveitos que se pode tirar dele, como diz Lacan. Organizei nesse relato alguns eventos que antecederam o acting out que julgo de grande relevância para o mesmo.

1- O início do tratamento e história familiar

C., procura atendimento pois deseja adotar uma criança. Quer adotar, pois não pode mais ter filhos porque já fez laqueadura e como casou novamente, seu marido atual que não tem filhos, também deseja um. Tendo já dois meninos, do primeiro casamento, quer agora uma menina, o que complicado, diz ela, pois não teve uma relação muito boa com sua mãe.

Apesar desse desejo, seu engajamento no tratamento acontece de uma forma bem delicada, pois está seguindo uma dieta que fará com que ela “se liberte”. A dieta consiste em não se alimentar nem beber água por 10 dias. Como parece cada dia mais debilitada, a analista diz para a paciente que não poderá mais atendê-la porque a dieta inviabiliza o tratamento, pois as pessoas procuram análise porque elas estão sofrendo e querem dar outro sentido a suas vidas e não para deixar de viver. Antes dessa sessão, a analista envia uma

mensagem para o celular da paciente: “Como está? Você virá hoje para sua sessão?” Ela não respondeu, mas compareceu. Cinco dias depois dessa sessão, liga para analista dizendo que recebeu a mensagem no celular e que tinha pensado melhor e decidiu que deixaria a dieta e retornaria para as sessões.

Gostaria de relatar alguns pontos da história de vida dessa paciente que serão importantes para compreensão do que se passou no acting out realizado por ela.

Sua mãe biológica, segundo ela, sempre foi muito ausente. Teve vários filhos de relacionamentos com homens diferentes. Pra sustentar os filhos desses relacionamentos, trabalhava muito fazendo faxina. Numa dessas faxinas, a mãe a levou e quando terminou a faxina, deixou-a na casa da patroa para ser adotada por ela, já que era uma pessoa de condição. Chorou muito durante dois dias e por fim, fugiu dessa casa. A empregada achou-a e devolveu a sua mãe.

Diz que a mãe teve outros homens que dormiam em sua casa, pequena, de três cômodos, onde dormiam todos juntos em redes armadas umas por cima das outras.

Relata que foi assim que um desses homens começou abusar dela ainda criança e posteriormente, seu irmão também. Diz que nunca falou disso pra sua mãe, mas acha que ela sabia.

Conta também outros episódios de abuso; na adolescência, quando morou um tempo casa da madrinha, o padrinho tentou abusá-la e quando jovem, seu namorado, leva-a para um motel, contra a sua vontade, e abusa dela. Ela decide acabar o namoro e depois descobre que está grávida. Não suspeitou logo da gravidez porque não sabia que, numa situação dessa quando não queria, se engravidava. Quando descobre, a mãe disse que já esperava isso dela, que ela era mesmo uma “sonsa”, uma cobra. Ficou muito decepcionada com a mãe.

O bebê nasceu morto; disseram a ela que ele tinha nascido acéfalo; nem chegou a vê-lo, o que agora, falando disso, suscita nela muitas questões, entre as quais: “E se ele não tiver nascido morto? E se minha mãe deu ele pra alguém criar? – pois para ela, mãe é a que dá o filho, que abandona - Onde ele foi enterrado? Nunca vi a certidão de óbito...”

Na época porém, considerou que foi melhor que ele tivesse nascido morto pra não ter que ouvir da sua avó, mãe da mãe, o que ela ouviu a vida toda: “filha de rapariga!” Diz que a prostituição é uma maldição na família dela: que a avó, mãe da mãe tem um filho de cada homem e que sua mãe era a outra do seu pai, que só chegou a conhecer no leito de morte, quando revelou para a primeira família que tinha outros filhos.

Em todo seu relato parece perpassar as questões: O que a minha mãe é para o meu pai? O que é uma mulher para um homem? Observa-se que em sua fantasia, as mulheres são prostitutas e os homens tem duas mulheres.

Casou-se a primeira vez com um homem de quem não gostava, incentivada pela mãe. Ficou com esse homem durante dez anos. No final ele a acusava de “sapatão”, pois tinha uma amizade muito próxima de uma colega do trabalho, a quem ela passou a chamar de mãe, sua mãe adotiva; e também porque ela não queria transar com ele.

Essa mãe adotiva tinha um irmão solteiro e incentiva C. a casar com ele. E, como toda histérica, cujo desejo encontra seu ponto de apoio no desejo do Outro, no que concerne constitutivamente ao desejo sexual, como nos diz Lacan (Seminário V, p. 408 e 409), casa-se com esse homem.

Diz que convivência com o marido é boa, mas ele se queixa muito dos filhos dela e passa várias sessões falando dessa “relação complicada”. Considera a possibilidade de mandar os filhos para casa do pai deles, mas argumenta que o ambiente lá não é bom pra eles.

Para além dessa relação complicada com o marido, tem um amigo, seu professor, que conheceu por ocasião da primeira separação que diz que ela é sua “alma gêmea” e que, como os dois são casados nessa vida, ele precisa cuidar dela para próxima vida, quando eles por fim poderão se encontrar. Para cuidar dela, marca encontros onde lhe dá um elixir fitoterápico.

Nesse momento acontece “uma novidade”: sua sobrinha, filha do irmão que abusou dela na infância, aparece grávida. A mãe de C. liga pra ela, pois todos sabem do seu desejo de ter outro filho, para que ela receba a sobrinha na casa dela e crie o filho dela. Ela fica muito angustiada, pois apesar de querer o bebê, não quer a sobrinha em sua casa, pois segundo ela, seria uma desculpa para a aproximação com esse irmão, e por outro lado, preocupa-se com ela, pois não tem para onde ir. Digo que se ela não pode, não precisa receber a sobrinha na sua casa.

Além da insistência da mãe para que ela adote o filho da sobrinha, o marido insiste em ter relações com ela. Diz que se sente obrigada a corresponder, mas não fica à vontade. Acha que ele vai arrumar outra mulher porque já faz muito tempo que eles não tem relações e que se ele fizer isso a culpa é dela. Em várias sessões fala dessa “relação complicada” dela com o marido agora, ponderando as coisas que ele faz pra ela, se seriam suficiente para que ela cedesse ao pedido dele. Diante disso, comento: C., mas qual é o problema em transar com seu marido?

2- O acting out

A analista viaja para um Encontro de Psicanálise. Lá, recebe uma mensagem da paciente às 22:30 h dizendo que precisa falar com alguém. Respondo perguntando se ela quer falar comigo? Ela diz que não está se sentindo bem. Respondo que não posso falar com ela naquela hora, mas que ela podia me ligar no outro dia às 8h. Ela não liga às 8h. Por

volta do meio-dia, envio uma mensagem para seu celular perguntando o que houve que ela não me ligou. O marido responde a mensagem dizendo que C. estava hospitalizada porque tinha misturado vários materiais de limpeza e bebido. Respondo que não estou na cidade e que assim que chegar entro em contato pra saber notícias dela.

Quando retorno, ligo pra ela que diz já está melhor e que quer vir falar comigo.

Diante desse ato, a analista se pergunta em que medida, sua intervenção poderia tê-lo provocado?

No Seminário V, Lacan coloca o acting out como uma das defesas do sujeito juntamente com a fantasia e a proeza e mesmo acentuando seu caráter enigmático, porta uma mensagem e se se produz dentro dos limites do tratamento, podemos tirar proveito dele. Que proveito tirar então desse ato?

Ao retornar para as sessões, relata que a situação estava insuportável, que o marido, estava insistindo muito para transar com ela, numa posição que para ela não era “normal”, e que a fazia lembrar de quando o irmão abusava dela: o irmão “a comia por trás”. Em seu texto Observações sobre o amor transferencial (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III), Freud diz que no acting out o que ocorre é que o sujeito repete na vida real o que deveria apenas ter lembrado; ele atua, ao invés de reproduzir o material psíquico dentro da esfera dos eventos psíquicos (página 215).

Primeiro proveito: A analista se deu conta que não estava bem posicionada em sua função, pois sua intervenção junto a paciente a precipitou ao ato, fazendo coro a insistência, do marido, e da mãe. Agora, mais cautela nas intervenções. Caso semelhante nos relata Lacan no Seminário X (pág. 139), sobre o paciente de Ernest Kris, que se auto censurava por ser plagiador, e que diante de uma intervenção de Kris, intervenção essa, que segundo Lacan, reduzia seu paciente com recursos da verdade, ele vai comer miolos frescos.

Segundo proveito: esclarecer o elemento significante. Lacan afirma também no Seminário V que o acting out além de portar uma mensagem dirigida ao Outro, possui um elemento altamente significante. O que significa então beber material de limpeza? No caso, esse elemento é esclarecido quando a paciente relata posteriormente que esteve se encontrando com seu amigo, sua “alma gêmea”, pois ele estava com sua identidade. Os encontros eram escondidos porque nem sua mãe adotiva nem seu marido iriam entender; sua mãe estava cansada de lhe dizer, segundo ela, que não existe amizade entre um homem e uma mulher. O elemento envolvido no ato, beber material de limpeza, revela-se então, como sua tentativa de “limpar-se”, pois agiu como uma prostituta, encontrando-se com outro homem, aproximando-se assim da sua fantasia onde as mulheres, pra ela são prostitutas. Desconfia que está grávida, mas diz que não pode ser, porque é ligada e se for, não é do seu marido, com quem não tem relações há cinco meses. Depois do exame e de uma ultrassonografia, a gravidez é confirmada. Diz que da última vez que se encontraram, para tentar pegar de volta sua identidade, ele pede um suco para ela e diz que só se lembra quando chegou e começou a argumentar com ele que devolvesse sua identidade. No outro dia, quando acordou, já estava em casa. Quando pode se deitar com prazer com um homem, e bancar seu desejo de ser mãe, ela recalca.

Em suas sessões mais recentes, busca saídas para dar conta do que aconteceu: Como contar para mãe e para o marido (que é irmão da mãe), que está grávida e que o filho não é dele? Como dizer pra mãe que ela estava certa com relação a sua amizade com o seu professor? Ela nunca entenderia que ele era só sua alma gêmea...

Cogita a possibilidade de se matar, porém a analista argumenta: mas se você se matar, a criança também morre. Ela diz: é, não vou matar a criança, ela não merece.

Referências Bibliográficas

Freud, Sigmund. (1915[1914]) “Observações sobre o amor transferencial” (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III) In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

Lacan, Jacques. (1957-58). Seminário livro V: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

Lacan, Jacques. (1962-63). Seminário livro X: a angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.